

A paciência como método

Patience as a method

Eduardo da Silveira Campos¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

O sentido da paciência costuma ser assumido imediatamente como aquilo que é preciso ter para se alcançar uma meta. Ela seria, então, o meio para um fim. De outro modo, no *discurso edificante* de Kierkegaard de 1843, a paciência aparece como um caminho que se encaminha para si mesmo como forma de aquisição da alma em detrimento do mundo. Para o autor, a paciência é o pressuposto da vida, e a alma é o que precisa ser adquirido a cada vez através do exercício desse pressuposto elementar.

115

PALAVRAS-CHAVE

Paciência; Alma; Tempo

ABSTRACT

The sense of patience is usually assumed immediately as what it takes to reach a goal. She would then be the means to an end. On the other hand, in Kierkegaard's upbuilding discourses of 1843, patience appears as a path towards itself as a way of acquiring the soul at the expense of the world. For the author, patience is the presupposition of life, and the soul is what needs to be acquired each time through the exercise of this elementary presupposition.

KEYWORDS

Patience; Soul; Time

Chegando à metade do discurso da *paciência*, no meio do caminho, Kierkegaard retoma analiticamente o título do texto – *Adquirir a sua alma na paciência* –, destacando

¹ E-mail: campos.es@uol.com.br

nele uma parte decisiva. Ele diz: “*Na paciência*. A expressão não diz pela ou mediante a paciência, mas ‘na’ paciência e sugere, por este meio, que a condição se encontra numa relação especial com o condicionado.” (KIERKEGAARD, 2007, p. 21). Nesse retorno ao título, ele justifica o uso da preposição “na” [I] em detrimento das preposições “pelo” [ved] e “mediante” [formedelst], dizendo que “na” “sugere” que a “condição (paciência) se encontra numa relação especial com o condicionado” (alma).

Uma pré-posição, ao pé da letra, fala daquilo que aparece antes (*pré-*) de algo que se põe (*-posição*); e das três pré-posições relacionadas por Kierkegaard, a única em que a paciência está pondo-se antes, i.e., já está posta na abertura do *pré-*, logo em “relação especial” com a alma, é o *na*. É como se as outras preposições (“pela” e “mediante”) traissem o espírito dessa tal “relação especial” que ele diz haver entre a paciência e a alma. De que modo elas trairiam o sentido dessa “relação especial”? Posicionando a paciência como um meio indispensável para a conquista de algo que já está suposto, desde sempre, no *pré-* da mera posição de aguardar por um “bem”. Deste modo, “pela” e “mediante” são preposições que poriam previamente a vida com a alma cindida, porque a paciência já estaria deposta, desde o princípio, perdida – tendo em vista que o pré-posto, o encarregado da alma, o “mundo”, é o que já está posto como fundamento e ponto de partida da alma desejosa. O “mundo”, assim, é o pré-suposto das pré-posições que predispoem a alma já cindida na impaciência. Tais preposições deitam suas raízes numa possessão mútua entre “alma” e “mundo”.

Por outro lado, se não é no “mundo”, onde a pré-posição “na”, predispondo a alma, poderia aprofundar e repousar suas raízes? *Na paciência*. De tal maneira que a paciência não é uma preposição que intermedeia a relação entre a alma e o mundo almejado, mas, a paciência é, ela mesma, a fonte da re-posição vital do *anímico*, a resposta à alma dispondo-se já res-pondida, i.e., adquirida desde o princípio da travessia, pois como diz Kierkegaard: a paciência é “o pressuposto da vida” (KIERKEGAARD, p. 13). Em outras palavras, a paciência é o preposto que res-ponde ao anseio da alma, ela é a sua singela encarregada – quando se sente carregada de cansaço do “mundo”. Assim, quando a alma anseia e pergunta pelo mundo, não é a paciência meramente o caminho para a resposta de sua pergunta, como uma resposta que lhe poderia ser dada ao fim e ao cabo do percurso. Não. A paciência é a própria resposta pondo-se desde o princípio, respondendo, a cada vez, com o vigor de um novo ânimo. A paciência é a resposta radical, que, no entanto, não oferece qualquer entendimento, porque ela *per se* tem valor de res-posta, ou seja, de re-posição anímica, como terapêutica do espírito. A paciência é uma esfinge sem fome, que não pergunta por enigmas, porque já responde sob o fôlego de silêncio e mistério.

Mas como a paciência tem valor de resposta se não há, para a alma, um entendimento proposto, uma proposição bem formulada como resposta, capaz de aplacar a dúvida de sua pergunta? Certamente não é de qualidade propositiva a resposta existencial da paciência. Embora subsistam, nas esperas da paciência, dúvidas órfãs de respostas propositivas, a res-posta da paciência é de uma esperança indubitável. Guimarães Rosa, em seu conto “Vida ensinada”, viu com clareza esse caráter ontológico da paciência, fundando decisivamente o tempo de uma espera que é maior que um entendimento o esperado. Ele diz: “Devagar e manso se desata

qualquer enliço, *esperar vale mais que entender*, janeiro afofa o que dezembro endurece, as pessoas se encaixam nos seus veros lugares” (ROSA, 2017, p. 630, grifo nosso).

O *pacientar* é o verbo que modula esse “devagar e manso”, preparando o corpo para uma espera sem sofreguidão, posto que jamais aguarda sob o pressuposto de um entendimento final. “Esperar”, diz Rosa, “vale mais que entender”, porque quem assim espera não sente esperar uma eternidade, mas espera no sentido da *eternidade*. Esperar no sentido da eternidade é já estar *na* eternidade, *pacientando-se* sob o sentido de um outro tempo.

O *e* entre “devagar e manso” é o *meio* de uma contínua transfiguração da paciência em *mansidão*, noutras palavras, em alma mansa, adquirindo-se na paciência. A paciência, portanto, é um passo que suporta de tal maneira um fardo, até que ele fique lépido para o *salto* de uma im-portância suave da alma. Em Kierkegaard, essa contínua passagem que acontece no exercício da dinâmica de aquisição da alma é um *pacientar* que, aos poucos, amansa, aprendendo a doçura de suportar de outro modo². Dessa forma, a paciência “vale mais que entender” – é melhor que qualquer pretensão e agitação epistemológica – pois ela nos ensina um outro estilo de saber, que faz tão-somente a prova de um modo distinto de se relacionar com as coisas, qual seja: “devagar e manso”. Se a alma não se tem na paciência, ela está entretida pelas coisas, à procura de capturá-las a todo custo, mas que só mantém às custas da possessão pelo “mundo”. De outro modo, “devagar e manso”, aos poucos, sem afobação, sem pretensão, o que está confuso se mostra claro, o que está complicado – sob a trama de um “enliço” – se mostra simples, e até a caminhada, dura demais ao longo de um ano, se “afofa” em janeiro, fica terna, aos poucos, leve. É assim que encontramos a verdade pela qual podemos nascer e morrer, como diz Kierkegaard alhures, que acontece apenas quando, na paciência, “as pessoas se encaixam nos seus veros lugares”.

Algo semelhante a Guimarães Rosa, diz Clarice em sua crônica “Brincar de pensar”, quando traz à baila a leveza do jogo de pensar, que é algo próprio da grandeza da alma que possui, segundo ela, um *animus brincandi*. Sob esse ânimo de pensar como brincar existe apenas uma vontade de se estar em jogo, pois não perde nada quem sabe “esperar” no jogo, e também não perde nada quem suporta não “entender” no jogo. Na verdade, para Clarice, por outro lado, há um ganho na espera, há um ganho no não entender. Sobre esse *animus brincandi*, sem qualquer furor, ela diz: um “[...] sinal de se estar em caminho certo é o de não ficar aflita por não entender; a atitude deve ser: não se perde por esperar, não se perde por não entender” (LISPECTOR, 2018, p. 13). O que “não se perde por esperar”, “não se perde por não entender”, é a própria alma que, sem “aflição”/desesperação, adquire-se *na* paciência. Como exercício de uma auto-terapêutica do espírito, a paciência é a prova fundamental que garante a verdade de qualquer *episteme* e o passo fundamental que assegura o caminho de qualquer *método*, pois a paciência é o *páthos* que lança a alma no jogo do tempo, sem se preocupar com

² “‘Meu jugo é leve’. Com efeito, o que é a mansidão, senão carregar com leveza o jugo pesado, tal como a impaciência e mau humor é carregar pesadamente o jugo leve” (KIERKEGAARD, 2018, p. 102).

o resultado do jogo. Quem “espera” o que não chega exercita, em si, o tempo; quem não entende o que acontece exercita, em si, o ser. A paciência é “o pressuposto da vida” quando ela a si mesma se propõe como resposta cabal, não propositiva, mas tácita. O *na* é uma pré-posição que não pro-põe nada, quando já provamos que a alma se põs em paciência.

Mas, afinal, que peso tem esse termo “na” [I] para que Kierkegaard seja capaz de parar tudo, no meio da escritura do texto, a fim de retomar o título (aparentemente já compreendido!), enfatizando assim essa distinta preposição?

Nessa tal passagem – na bela tradução de Nuno Ferro – o *i* dinamarquês está traduzido como *na*. “Na”, em português, é a contração da preposição *em* e do artigo *a*. Quando dizemos *na* pensamos logo em algo que está sobre, em cima de, ou ainda, junto a, dentro de. Ao lermos o discurso da paciência somos levados a pensar que esse *na* traz consigo o sentido de estar *dentro*. É um estar *dentro* sem jamais “estar por dentro” de coisa alguma.

Contudo, quando estamos *na* paciência não estamos nela como um sapinho está na lagoa nem como os alunos estão na sala. Esse *dentro*, mais que um modo de estar, fala de um modo de ser, vir a ser, que adentra o âmbito radical da própria vida. Ser na paciência é estar nela suspenso, sendo por ela pensado, meditado, *medicado* – e quando a paciência é o único suspense não nos aterrorizamos com nada, porque nos encontramos na hospitalidade de uma íntima dinâmica de apropriação de nós mesmos. Estar suspenso nela, então, é como estar em casa, ou seja, em paciência. É por isso que quando estamos na nossa própria casa não dizemos que estamos “na casa”, mas que estamos “em casa”; pois não há nada que possa definir esse estar tão exato, inconfundível, nenhum artigo definido é preciso, senão a preposição “em”, encaminhando-nos a cada vez para estarmos em casa, ou seja, a caminho de. “Em paciência”, mais do que “na paciência”, porquanto seja a paciência não um estado, mas um insistente encaminhar-se, tornar-se: “como uma ave que vai cada segundo conquistando seu voo” (NETO, 1994, p. 116).

Quem nos ouve dizendo que estamos em casa subentende que é a própria e que nela o tempo passa de outro modo. É quem ouve, em paciência, só pode mesmo subentender, porque não há um entendimento definitivo para a intimidade da morada que somos, muito menos para aquela que o outro é. Subentendo em paciência, reverenciamos esse outro inacessível, doando-lhe um sentido quando não há, logicamente, qualquer sentido imediato. É a espera desse tempo de reverência que equaciona qualquer diferença, ou seja, torna *comum*, a despeito da incalculável diferença que insiste no meio das relações. No humano, a intimidade inaudita de uma diferença é mais originária que as referências que unem os polos da relação. Contudo, a disposição dessa reverência *espera* um salto ainda mais originário, radical, que a diferença das relações – trata-se de uma espera sem a qual não se transpõe o fosso de duas intimidades inacessíveis, quando se encontram cada qual em casa. A solenidade da reverência encontra um tempo propício – ela é lenta para descobrir um extraordinário e perfeito querer, uma boa vontade capaz de conhecer o outro em casa, a caminho de seu canto mais próprio.

Esta, contudo, não é uma vontade pueril que já rejeita imediatamente a prova de uma coisa estranha aos olhos, subentendendo-a pressurosamente intragável. Pelo contrário, trata-se de uma vontade madura, de bom gosto, perfeitamente livre para descobrir uma delícia que se guarda no final de um amargor lentamente provado. A madureza desse tempo lento é ágil para cobrir, como diz Kierkegaard, “uma multiplicidade de pecados”³, ou, como diria Clarice, para somar incompreensões: “Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente.” (LISPECTOR, 2016, p. 405). A soma de incompreensões é azeitada pelo sumo da experiência amorosa, aquela que pode subentender com a lentidão de uma perfeita vontade. Portanto, é o amor que azeitou esse subentender quando não há mais entendimento possível.

Subentendendo, em paciência, acessamos o outro em sua estranha região. Se no discurso edificante, Kierkegaard diz que a paciência é o “pressuposto da vida”, n’*As Obras do amor* (2005), ele fala da edificação de uma morada através da “pressuposição amorosa”: “[...] o que ama implanta o amor no coração de uma outra pessoa, ou então deve significar que o que ama pressupõe que o amor esteja no coração da outra pessoa, e justamente por essa pressuposição edifica nela o amor a partir da fundação, na medida em que, é claro, a pressupõe amorosamente no fundamento” (KIERKEGAARD, 2005, p. 247). A paciência é o pressuposto do tempo de ser; e o amor, o pressuposto de ser em tempo. Como pressupostos, a paciência repõe a gênese de uma perfeita demora; e o amor transpõe a vida para uma edificante morada. Clarice teve a evidência dessa imbricação criativa que há entre paciência e amor, quando disse: “Cada vez acho tudo uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor (LISPECTOR, 2018, p. 297). Essa morada amorosa é somente edificada na demora da paciência. Uma morada que jamais é definida, passível de ser entendida, mas que só pode ser correspondida em paciência amorosa, que subentende o mistério de estar em casa, ou seja, sempre na viagem a caminho de. Amor e paciência alongam a alma, dão à vida um ânimo mais longo, longânime.

Mas essa longanimidade não é exercida, afastando-se do “mundo”, pacientando-se nas lonjuras de uma casa que só pode animar-se em retiro e fuga. Isso soa como um claustro de ermitania, ascese resignada, que esconde, na verdade, ressentimento do ou frustração pelo mundo. Nesse caso, não apenas quando é afirmado, mas também quando é negado, o “mundo” continua em jogo, abrindo-se como o fundamento e o pré-posto sub-reptício da alma impaciente. Mas que é adquirir a alma em detrimento do mundo? Como entregar o mundo em troca da aquisição da alma⁴, sem que esse comércio implique em ascese, saída do mundo? A paciência não vive sob o câmbio de uma disjunção exterior, tendo ou um ou outro. *Ela é a experiência paradoxal que mantém o mundo sob a forma de um abandono.* Nos domínios da *interioridade*, “Fora do mundo dos

³ Cf. Cap. V, segunda série d’*As Obras do amor* (2005).

⁴ “E tal como aquele que quer adquirir o mundo pouco a pouco oferece a sua alma em troca do mundo, do mesmo modo aquele que adquire a sua alma tem de possuir algo que ofereça por ela; e que pode isso ser senão o mundo?” (KIERKEGAARD, 2007, p. 17).

homens não há salvação” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 30), porque é só nele que a alma pode provar-se em paciência. De outro modo, afastando-se dele, acende-se uma vela a São Cirineu. É na lida com o mundo que a alma prova-se, vindo toda à luz, revelando a sua diferença com o mundo. Nessa lida com o mundo, no mundo, a alma sente uma resistência que requer dela consistir na própria existência, para que não seja combalida pelas imposições dos “movimentos da vida do mundo”. Ela sente um descompasso com os movimentos do mundo. Contra esse universo acachapante, que, segundo Kierkegaard, “desassossega”, a alma responde singularmente com uma paixão adversa. Na “glória” do mundo, a alma sente o espontâneo mal estar de uma resistência, porque ela acabou adquirindo algo estranho a si mesma. Talvez o perigo nessa aquisição consista justamente em ser nivelada com/pelo mundo, à medida que o “adquire”, ou seja, quando pensa que venceu no mundo ou que venceu o mundo: a glória. O perigo da alma perder-se no mundo não é adquiri-lo como fruto da lida de quem resistiu e venceu. *Mas o perigo é: não poder abandoná-lo no instante da aquisição.* E a aquisição da alma, em paciência, no mundo, dá-se apenas à medida que se adquire o mundo através de um abandono. Sua partida do mundo, para ser a caminho casa, é a sua única parte no mundo.

Entra-se, em paciência, na lida com o mundo, mas, ao fim e ao cabo, é preciso abandoná-lo. É nesse abandono que prevalece a *diferença* da alma, a distinção do que somos, a hora em que a alma vem à luz em sua “nudez” (KIERKEGAARD, 2007, p. 16), e ela não se confunde com o vencido no exercício de sua resistência existencial: contra o universo do mundo, o adverso da fé; contra os movimentos do mundo, a paragem da paciência; contra os interesses do mundo, o *inter-esse* do amor.

Esse adversário, pacientemente resistido, mostra a própria alma quem ela é, ou seja, ela fica cada vez mais “nítida” em sua *diferença* íntegra. Por isso diz Kierkegaard:

No primeiro instante, o homem está, assim, no ponto a que os homens mais tarde aspiram como sendo a glória. Está perdido na vida do mundo, possui o mundo, quer dizer, é possuído por ele. Mas, ao mesmo tempo, ele é diferente de todo o mundo e sente uma resistência que não acompanha os movimentos da vida do mundo. Se ele, então, quer possuir o mundo, deve esmagar este desassossego, até que novamente se desvaneça como as ondas na vida do mundo – e, então, conquistou o mundo. Se pelo contrário, quiser adquirir a sua alma, então tem de deixar que esta resistência se torne sempre e cada vez mais nítida e, nisso, adquirir a sua alma. Pois a sua alma era precisamente esta diferença: era a infinitude da vida do mundo na sua diferença de si mesma (KIERKEGAARD, 2007, p. 19).

Aqui, então, surge o pensamento reverso de um bom dissenso filosófico: se o senso comum compreende a paciência como uma sabedoria que nos ensina a ganhar o que queremos, a paciência, em Kierkegaard, nos ensina uma forma de perder o que queremos. Trata-se da lenta aprendizagem de um querer que se quer em paciência, ou, poderíamos dizer, trata-se de um querer que quer o outro sob a condição de um abandono, querendo-o à medida que o entrega de volta. Em paciência somos uma

renúncia que escolhe não o que queremos, mas o que nos acontece de mais *próprio*. Quando escolhemos o que queremos decidimo-nos pela *desesperação* de ser o que não somos⁵. Em paciência, o querer jamais escolhe, mas acolhe, recolhendo-se à própria “Nudez, último véu da alma” (DRUMMOND, 2015, p. 14). Aprende-se a perder, hoje, não para ganhar um dia o mundo, como costumamos dizer vulgarmente com o sentido de que um dia se perde, para que em outro dia se ganhar. De forma alguma. O ganho aqui consiste justamente na vitória de poder perder, e na gênese desse perder inevitavelmente passivo dá-se uma profunda tarefa, a atividade de poder *deixar*. Há, de fato, um consentimento nesse deixar; contudo, ele não é um mero anuir que dirige um *não* resignado ao que gostaria de obter. Esse con-sentir do deixar só pode dizer *não*, porque ele está suspenso no *sentimento* de um inegável *sim*.

Na perspectiva da mística, Mestre Eckhart fala desse abandono como *desprendimento*. Mas, de modo desconcertante, o que o místico diz sobre o desprendimento não mostra qualquer vestígio de resignação. Lembrando Avicena, ele diz: “tamanha é a nobreza do homem desprendido que tudo o que ele contempla é verdade, tudo o que ele deseja lhe é dado e tudo o que ele manda deve ser obedecido” (ECKHART, 2006, p. 151). O que desconcerta nisso é a alma desprendida poder tudo à medida que se abandona. O fundamento dessa alma não é o sedimentado conteúdo de um mundo desejado, mas a pré-posição *vazia* de um abandono como res-posta da paciência, fazendo a alma acolher conforme a justa medida que a vida lhe dá. Nesse abandono, ela contempla a verdade porque seu olhar é radicalmente simples; tudo que deseja lhe é dado, porque seu querer é colhimento; tudo que manda deve ser obedecido, porque seu mando guarda a observância de uma nobre obediência.

Nesse gesto de renúncia da paciência não há lugar para tristeza nem orgulho nem melancolia, pois o pacientar tem o mundo, mas sob a forma do abandono. O seu ter não é um tender para o mundo, mas a força que sustém a inabalável *diferença* da alma. Para tanto, Cecília Meireles, em seus *Cânticos*, convoca-nos a renunciar, mas não para fazer apenas uma renúncia, mas para *sermos* a renúncia. Ela diz:

Sê o que renuncia
Altamente:
Sem tristeza da tua renúncia!
Sem orgulho da tua renúncia!
Abre a tua alma nas tuas mãos
E abre as tuas mãos sobre o infinito.
E não deixes ficar de ti
Nem esse último gesto!
(MEIRELLES, 2001, p. 134)

O querer que se quer sob a forma de um abandono mantém na entrega de si uma profunda tensão. Por isso, quem está em paciência não vive em pachorra, em lassidão com a vida, distendido do mundo. Em paciência, a renúncia do mundo é o exercício

⁵ Cf. Livro I de *Doença para a morte*: “O desespero é a doença mortal” (1974a).

de uma grande tensão na entrega, de uma profunda atenção concentrada no mais *próprio* [Selv]. Diante das paisagens do mundo, nas passagens por várias paixões, a paciência é o que nos mantém nas paragens da fé. No seio da intimidade, em casa, estamos na propriedade da fé, como dinâmica da apropriação de *si mesmo* [Selv]. A paciência faz a contemporização paradoxal da fé, entre o temporal e o eterno. Seu abandono resiste ao mundo à medida que consiste em si mesma.

Em seu discurso, Kierkegaard apresenta a paciência a partir do conceito de *interioridade*, o seio da intimidade, o em casa da paciência. A *interioridade* não é meramente um interior contraposto ao exterior, mas o *entre* que se abre vibrante no estreito caminho de toda apropriação, não abolindo, mas sustentando os pólos da relação exterior-interior. A alma não é coisa alguma, mas o fôlego de uma ação vindo a *ser* em *tempo*, i.e., sendo um ânimo no tempo da paciência. Kierkegaard não desfaz o paradoxo interior-exterior, mas sustenta-o tragicamente, tendo o mundo sempre ao modo de um abandono. A tragédia da alma adquirindo-se na paciência é que sua única morada, seu único *ethos*, é ser num tempo extraordinário, sem saber que, ao seu derredor, conspira o mundo mortalmente em outro tempo. Tal como a criança heraclítica que brinca *dentro* do âmbito de uma roda *eterna* sem dar-se conta que, fora dela, um tempo vulgar à espreita para devorá-la. A alma que se adquire na paciência possui a grandeza trágica de tal inocência.

O *tempo* no qual a paciência está suspensa é o *instante* como a tensão entre a temporalidade - o andamento típico da exterioridade - e a eternidade - o pulso que decide a índole da *interioridade*. Em paciência, a alma está suspensa numa autocontradição, entre o eterno e o temporal, ou melhor, é ela mesma essa "autocontradição" (KIERKEGAARD, 2007, p. 21). E se a alma, em paciência, suporta a dinâmica dessa autocontradição, ela pode adquirir o olho para *ver* sem contradições o que é exterior e logicamente contraditório. Afinada por esse instante de eternidade, a alma já não vê qualquer contradição, pois "no eterno não há também nenhuma autocontradição" (p. 16). A alma vê contradição quando eivada pelo temporal, e é desse modo que ela ou se perde de si na impaciência do mundo ou na pseudo-paciência da ermitania, a fuga do mundo. Mas que é isso: a alma como "autocontradição"?

Se o olhar fosse tonalizado por uma determinada cor, se ele, por exemplo, trouxesse consigo um vislumbre cheio de verdor, ele não seria capaz de captar o verde das coisas, porque ele já traria consigo naturalmente uma tonalidade esverdeada. Do mesmo modo, se o olhar tivesse em si o rubor, ele não seria capaz de captar o vermelho, pois já apresentaria em seu interior uma vermelhidão constitutiva. Portanto, a alma tonalizada pelo sentido da eternidade não percebe a contradição dos tons, porque ela mesma já traz em sua constituição um infinito espectro de cores que não se confundem e não esmaecem. A alma não vê o contraditório, porque seu olhar eterno não disjunta o que está eternamente unido. Para esse olhar paradoxal, as paisagens se harmonizam em nuances multicoloridas, sob o todo do instante de una e extraordinária visada. Todos os fragmentos de mundo dispersos em contradição estão reunidos sob a unidade poética desse anímico olhar paradoxal. Ele tem todas as cores visíveis do espectro, e é por isso que toda a realidade cabe em seu olhar iridescente. Na verdade

seu olhar só pode comportar essa iridescência, porque, originariamente, ele porta como *possibilidade* a transparência do *nada*. Mas é essa disposição atonal justamente a possibilidade de todos os tons. Sem cor, a alma é transparente como o olhar do *desprendimento*, um olhar espectral, cheio de um vazio acolhedor, atonal, sendo assim o sem-tom, o invisível, capaz de transluzir o espectro de todas as cores.

Em paciência, a auto-contradição mostra a alma nem fora nem dentro, nem longe nem perto, mas a caminho de casa, um sempre a caminho sem jamais pode estar nela. Nesse “sempre” a caminho vive a alma como numa casa de caminho – cigana, porque faz pequenas paradas; peregrina, porque faz do caminho a própria casa. A alma é sempre um pôr-se a caminho de si mesma. Ela é um *ethos* íntegro, a morada singular, a exceção que, por um instante, não conhece nada de universal, logicamente compreensível, porque não pode lançar alicerces de morada, fazer fixações morais.

A *interioridade* é apenas o âmago onde se passa essa contínua travessia para tornarmos-nos o que somos de mais próprio. A alma é a esquina, a travessa, o coração de uma encruzilhada, onde dois mundos se atravessam no instante de uma travessia. A alma é o encontro das vias dos tempos no átimo de um instante: “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo” (ROSA, 1994, p. 439). Cômputo é encruzilhada, a situação onde todas as vias se encontram. A alma é o nome da travessia que fazemos para onde nós sempre estivemos.

Em *Peregrino querubínico*, Angelus Silesius diz que a “A alma tem dois olhos: um olha no tempo/Mas o outro se volta direto à eternidade” (SILESIUS, 1996, p. 144). Quando a alma está cega para a eternidade, ela vive no desespero do *finito*, encegueirada pela avareza do mundo. Mas quando ela está cega para a temporalidade, ela vive no desespero do *infinito*, encegueirada na ascese do ressentimento do mundo. Em ambos os casos o mundo está em questão, está pré-posicionado. Ambos estão cegos de um olho. De tal modo que não é apenas impaciente o avaro, mas também o asceta. No caminho da paciência, a alma salta na eternidade com a mesma suavidade que toca o chão da temporalidade. Se o ditame temporal nos impacienta na sofreguidão de ir à frente, para a conquista de um mundo, a paciência nos contém sob o compitito que somos, na tensão da paragem da fé⁶.

Na paciência de sua paixão, o passo para onde caminha insistentemente para donde, para a proveniência da vida. O donde é o pressuposto para o aonde, pois a paciência é o “pressuposto da vida”, o preposto que pré-põe a alma sempre em casa. O pressuposto da alma é o passo sempre atrás, que contém o pequeno anseio no grande receio da paciência. Não por medo, mas por contenção, cuidado. O aonde da paciência guarda a proveniência do donde. A paciência é, então, sucupira: o rosto vê a maravilha a diante, mas, *acalmado-se*, o corpo retoma insistentemente a vida para trás. Contudo, esse “para trás” não é um voltar ao passado, mas um ater-se ao instante do “cômputo”: o passo justo e contido que se dá na esquina de todas as vias e todos os encontros humanos.

⁶ Fé, neste trabalho, extrapola o sentido doutrinário e possui uma noção de afecção, *pathos*, nas palavras do autor de *Temor e tremor* (1974b): “a mais sublime das paixões”.

Se a tradição hipocrática dizia que o corpo tende a cura, autocurando-se, a paciência é a contenção de um autotratamento, que descobre um tempo oportuno para o corpo poder autocurar-se. *Tratar* vem do verbo latino *tractāre* que possui o sentido de vários verbos: “arrastar, tocar, manusear, trazer”. Fala, portanto, de algo que se exerce com as mãos. A paciência é como o gesto em que a vida pode tocar a si mesma, trazendo-se para um *meio silêncio* que a tudo silencia – como se a vida se tocasse ajustando-se, compassando-se ao próprio passo vital na hora da encruzilhada. A paciência tem um toque e a alma uma textura que se convidam para o enlace de um tratamento essencial. Como artífice da alma, ela cinzela a vida desbatando-a do mundo, até que encontre a perfeita forma de uma simplicidade vital; como medicina para alma, ela incide rompendo, decidindo separar-se daquilo que nunca lhe pertenceu.

A paciência afere e fere a alma. Nela, a alma encontra as paragens para se ver, meditar, aferir-se. Mas também encontra as passagens, os cortes que desprendem, ferindo a vida do mundo. Ela é, ao mesmo tempo, corte do mundo e o aporte da alma para si mesma. Na lida com o mundo, uma bela cicatriz se faz como lembrança do corte – o desprendimento –, como recordação de sua *liberdade*. O “desassossego” do qual fala Kierkegaard, aquele sentimento de uma “resistência que não acompanha os movimentos da vida do mundo”, é o sentido dessa *liberdade* constitutiva sendo asfixiada no humano. A liberdade não liberada do mundo é o que desassossega alma. A arte do tratamento da paciência é manter a alma no mundo, mas inteiramente liberada dele. Essa liberação ab-solutiza a alma, deixa-a solta, livre, embora presa ao destino extraordinário de ser no mundo.

Nesse destino o passo é dado no mundo, mas não pelo mundo. Trata-se do soberbo passo da alma no enlevo de estar a caminho de casa. São passos satisfeitos porque não estão sendo dados pelo “mundo”, mas por *nada*, ou melhor, de *graça*. Em Kierkegaard, esse dom absolutiza o passo sob o compasso da fé. Na verdade, a fé é a paixão que compassa a paciência, absolutizando a vida sob incondicional espera. A paciência trata da natureza autocurando-se em nós. Com sua terapêutica do espírito, mais que curar objetivamente o corpo doente, a paciência nos ensina a cura contra o *desespero*, a doença mortal. E não é à toda que quando estamos doentes, somos chamados de *paciente*, não porque já sejamos pacientes, mas porque é preciso ser: o nome nos recorda uma tarefa. Ela não é o meio, mas o fim – um propósito que carregamos desde o início como silenciosa resposta anímica.

A paciência afina a vida ao tempo de cura, e o corpo fica acurado, com acurácia. O passo fica contido, comedido, dando medida a toda métrica; dando o caminho que se encaminha em todo caminho; dando o *método* que suporta o exercício de todo método. A paciência como *método* de todo método deixa o corpo lento e leva ao desespero quem está apressado. Aquele que está com a desenvoltura da paciência tem um “comportamento de eternidade” (BARROS, 2001, p. 31), como diria Manoel de Barros, ou “ritmo de chumbo” (NETO, 1994, p. 383), como prefere João Cabral de Melo Neto. No fundo, como Nhinhinha, o corpo paciente sofre da paixão de uma “artística lentidão” (ROSA, 2017, p. 377).

Quando alguém faz algo com tranquilidade, sem afobação, dizemos que a tal pessoa “está em casa”, pois parece que ela está sendo regida por outro tempo, um tempo lento. Parece que é isso que João Cabral de Melo Neto observa em Ademir da Guia com seu “ritmo de chumbo” ao longo do jogo. Ele é lento, é tão tranquilo, que joga como se estivesse no sossego de casa. Contudo, isso que é sossego do lado de fora cresce de dentro, a partir de um desassossego pacientemente vivido, que não fora esmaecido, contornado, e, sim, claramente assumido, vencido na contenda do pacienciar. Essa é a lida de vida e morte, que se mostra como diferença da alma com o mundo. Nessa contenda de diferenciação, ela vem à luz em sua nudez, ou seja, *como ela é*.

A paciência dá ao corpo um “comportamento de eternidade”, dá uma têmpera de caramujo. Diz Manoel de Barros que os caramujos “carregam com paciência o início do mundo”. O caramujo está sempre na casa de caminho. Por *onde* vai, ele leva sempre consigo o sentido de casa, o *donde*. Quando ele deseja com fissura o fim do caminho, e se desespera com a lentidão de sua natureza, ele olha pacientemente para trás, para a graça de seu caracol, pré-posto pela paciência em suas costas, e, assim, obtém uma resposta silente e eloquente. O caramujo é um Atlas abençoado, pois não precisa carregar o mundo sobre as costas, mas apenas o próprio *ethos*, o fardo suave de ser.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARROS, M. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. São Paulo: LeYa, 2013.
- KIERKEGAARD, S. A. *Adquirir a alma na paciência*, Trad. N. Ferro; M. Jorge de Carvalho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- _____. *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos – 1847*. São Paulo: Editora LiberArs, 2018.
- _____. *As Obras do amor*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *O Desespero humano*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1974a.
- _____. *Temor e tremor*. Trad. Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1974b.
- ECKHART, M. *O Livro da divina consolação e outros textos seletos*, 6a ed., Petrópolis, Vozes, 2006.
- LISPECTOR, C. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- _____. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- NETO, J. C. de M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MEIRELES, C. *Poesia completa*, V I e II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, J. G. *Ficção Completa*, VII, 1ª Ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- _____. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- SCHILLEBEECKX. *História humana revelação de Deus*, São Paulo: Paulus, 1994
- SILESIIUS, A. *O Peregrino querubínico*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1996.

Submetido: 18 de julho de 2022

Aceito: 18 de agosto de 2022